

Martinho de Tours. 11 de Novembro

Lat.: Martinus Turonensis. Fr.: Martin de Tours. It.: Martino Turonense, di Tours.
Port.: Martinho. Al.: Martin von Tours. Hol.: Maarten.

História e Legenda

Apóstolo das Gálias e bispo de Tours, cuja história, cheia de elementos legendários, foi contada por Sulpício Severo na sua *Vita S. Martini* e por Gregório de Tours nos quatro livros *De virtutibus S. Martini*, e finalmente por Tiago de Voragine na sua *Legenda Dourada* (Legenda aurea). Este santo tão francês não nasceu nas Gálias, mas na Panónia, isto é, na actual Hungria, antes da invasão do país pelos magiares, então, povoado por eslavos. Sua origem talvez se deva encontrar no Condado de Győr (Raab), na actualidade, cidade de Szent Marton, ou melhor, de acordo com recentes investigações, em Szombathely, a antiga Savaria, no condado de Vas. Ignora-se a data do seu nascimento, que alguns apontam para 317 ou até 326. Criado em Pávia, incorporou-se no exército romano como filho de um veterano e foi, durante anos soldado, primeiro em Itália e depois nas Gálias.

É muito conhecido e divulgado um acontecimento que se terá dado num dia de inverno no ano 337, quando fazia parte da guarnição de Amiens. Um pobre andrajoso e pedinte solicitou a caridade dos transeuntes para se agasalhar do frio. Sem vacilar cortou uma metade do seu manto de cavaleiro (paludamentum), com a espada e deu-a ao mendigo¹. Na noite seguinte, Cristo apareceu-lhe, em sonho, vestido com metade do manto que oferecera ao pobre. E, dirigindo-se aos anjos que o acompanhavam, comentava: «*Martinho, ainda catecúmeno, cobriu-me com esta veste*».

Cerca de 356, Martinho abandonou o exército, baptizou-se e foi para Poitiers, ficando com Santo Hilario, bispo dessa cidade que o fez exorcista, ministério que aceitou, por ser o mais humilde da classe eclesiástica. Entretanto, com a permissão do bispo, regressou à sua pátria com o desejo de converter os pais, pagãos, ao cristianismo. Aí dedicou-se à pregação contra o arianismo, heresia que dividia a Igreja. Mas, desejoso por regressar ao convívio do Santo bispo Hilário, regressou e fundou um mosteiro em Ligugé, nos arredores de Poitiers.

A sua fama de taumaturgo difundiu-se rapidamente e elegeram-no bispo de Tours, pelo ano de 370. Foi um grande bispo, zeloso do clero e do povo, durante 26 anos. Mas não deixou a vida contemplativa, vivendo como monge, em Marmoutier, nas margens do Loire, num exígua cela. A comunidade cresceu bastante, num curto espaço de tempo, de tal modo que se tornou um grande mosteiro (Majus monasterium). Foi notável a sua acção apostólica e fundou numerosas paróquias rurais em Candes (Condate), na confluência dos rios Vienne e Loire e aí morreu em 397.

CULTO

A popularidade de S. Martinho, que foi designado como o décimo terceiro apóstolo, a quem o abade de Cluny qualifica de «*par Apostolis*» (*parceiro dos Apóstolos*) é um fenómeno excepcional, na linha do poeta Fortunato: «em todos os lugares, onde se conhece Cristo, se venera S. Martinho».

¹ Outra versão, menos popular e mais trivial, refere que ofereceu ao mendigo uma moeda de prata.

Principais lugares de culto

Em França, ainda hoje, estimam-se 500 povoações e 4.000 igrejas paroquiais, com o nome de S. Martinho. Na época dos merovíngios e carolíngios, S. Martinho foi o padroeiro da monarquia francesa e a sua capa era considerada a relíquia mais preciosa, a ponto de dar nome ao lugar onde se conservava: capela (chape – chapelle). Em Português, capela (lugar onde se guarda a capa), ganhou novos significados, não só de espaço, como de funções e agrupamento de pessoas. O seu culto expandiu-se por toda a Europa que, desse modo quis homenagear o apóstolo das Gálias. Só em Roma se dedicaram sete Igreja, a mais célebre das quais é *S. Martino ai Monti*. Em Ravena, a igreja de Santo Apolinário, o Novo foi, originalmente consagrada a S. Martinho: *Sanct Martinus in coelo aureo*. Actualmente, na diocese do Porto há 39 igrejas paroquiais dedicadas a S. Martinho. Duas delas a S. Martinho do Campo, evocando um dos priorados mais importantes de Cluny, em Paris, *Saint Martin des Champs*, reinvocado em Londres: *St. Martin's in the Fields*.

Patronado

S. Martinho ainda permanece hoje um santo popular, graças aos seus padroados: curtidores, alfaiates, peleteiros, soldados, cavaleiros, restauradores (hotéis, pensões, restaurantes), produtores de vinho, mendigos, bebedores, ocas e gansos, cavalos e outros animais, etc.

Festas

A festa de S. Martinho a 11 de novembro, que comemora sua *deposição*, isto é, as suas exéquias, era muito popular e assinalava o começo do inverno. Nesse dia comia-se a *oca (ganso) de S. Martinho*, bebia-se o vinho novo chamado o *vinho de S. Martinho e acendiam-se os fogos de festa, como no S. João*. Daí o dito: *no dia de S. Martinho bebe o vinho e deixa a água correr para o moinho ou no S. Martinho vai à adega e prova o vinho*.

Atributos

Capa de campanha, farda de soldado, capacete, espada e falcão. Globo de fogo sobre a cabeça.

Figuras

S. Martinho é representado, quer como legionário romano, a pé ou montado num cavalo branco, quer como bispo, com mitra e báculo.

(Louis Réau, in *Iconografia del arte cristiano*, Tomo 2 / Volume 4, pp 348-367)

Tendo nascido numa família pagã na Panónia, actual Hungria, por volta de 316, foi orientado pelo pai para a carreira militar. Ainda adolescente, Martinho encontrou o Cristianismo e, superando muitas dificuldades, inscreveu-se entre os catecúmenos para se preparar para o Baptismo. Recebeu o Sacramento por volta dos vinte anos, mas teve que permanecer ainda por muito tempo no exército, onde deu testemunho do seu novo género de vida: respeitador e compreensivo para com todos, tratava o seu criado como um irmão, e evitava as diversões vulgares. Tendo-se despedido do serviço militar, foi a Poitiers, na França, junto do santo Bispo Hilário. Por ele ordenado diácono e presbítero, escolheu a vida monástica e deu origem, com alguns discípulos,

ao mais antigo mosteiro conhecido na Europa, em Ligugé. Cerca de dez anos mais tarde, os cristãos de Tours, tendo ficado sem Pastor, aclamaram-no seu Bispo. Desde então Martinho dedicou-se com zelo fervoroso à evangelização no campo e à formação do clero.

Mesmo sendo-lhe atribuídos muitos milagres, São Martinho é famoso sobretudo por um acto de caridade fraterna. Quando era ainda jovem soldado, encontrou na estrada um pobre entorpecido e trémulo de frio. Pegou no seu manto e, cortando-o em dois com a espada, deu metade àquele homem. Nessa noite apareceu-lhe Jesus em sonho, sorridente, envolvido naquele mesmo manto.

Queridos irmãos e irmãs, o gesto caritativo de São Martinho inscreve-se na mesma lógica que levou Jesus a multiplicar os pães para as multidões famintas, mas sobretudo a deixar-se a si mesmo como alimento para a humanidade na Eucaristia, Sinal supremo do amor de Deus, *Sacramentum caritatis*. É a lógica da partilha, com a qual se expressa de modo autêntico o amor ao próximo.

Ajude-nos São Martinho a compreender que só através de um compromisso comum de partilha, é possível responder ao grande desafio do nosso tempo: isto é, de construir um mundo de paz e de justiça, no qual cada homem possa viver com dignidade. Isto pode acontecer se prevalecer um modelo mundial de autêntica solidariedade, capaz de garantir a todos os habitantes do planeta o alimento, as curas médicas necessárias, mas também o trabalho e os recursos energéticos, assim como os bens culturais, o saber científico e tecnológico.

Dirijamo-nos agora à Virgem Maria, para que ajude todos os cristãos a ser, como São Martinho, testemunhas generosas do Evangelho da caridade e incansáveis construtores de partilha solidária.

(Bento XVI, PP, Domingo, 11 de Novembro de 2007, Angelus)

A vida de S. Martinho

1. O bem-aventurado S. Martinho nasceu numa povoação húngara chamada Sabária e criou-se em Itália, na cidade de Pavia. Seus pais, de condição nobre, eram pagãos. O pai era soldado e foi oficial e desejou que seu filho se dedicasse, como ele, às lides da guerra e do paganismo. Mas Martinho, com dez anos, contra a vontade do pai, foi ter com a Igreja, pedindo que o aceitassem como catecúmeno. E, aos doze anos, tratou de se retirar para a solidão. E, tê-lo-ia feito, se a sua tenra idade o tivesse permitido.

Mas voluntariamente se inclinava para a piedade e devoção, frequentando as igrejas e apartando-se do bulício do século, conversando mais com Deus do que com o homens. Aconteceu que o imperador Constâncio mandou que todos os filhos de soldados se alistassem para a guerra. Martinho quis escusar-se, mas não foi possível. O seu próprio pai o descobriu e foi forçado a tomar armas e ir à guerra. Levou consigo um criado que tratava não como tal, mas como companheiro, servindo-o como ele o servia: descalçando-o e limpando as vestes e dando-lhe de comer, à mesa. Evitou cuidadosamente os vícios que normalmente cometem os soldados.

O tratamento de si era simples e moderado, mais parecendo um monge que um soldado. Era muito sacrificado e caritativo. Socorria as necessidades de cada um como podia, consolava com grande caridade e graça os aflitos, visitava os enfermos, repartia

com liberalidade o que possuía pelos pobres e enternecia-se, particularmente, com os sem tecto e nus. E este género de piedade foi um tão grande exemplo que nos deixou da sua imensa misericórdia.

Certo dia de Inverno, estando, com outros soldados, às portas de Amiens (capital da Picardia – França), viu um pobrezinho nu, tremendo e tiritando de frio, pedindo esmola para se abrigar. E, como os demais soldados não o socorressem, Martinho, entendendo que Deus lhe enviara tal ocasião, não tendo outra coisa a dar ao pobre, tirou a espada da bainha e cortou ao meio a clâmide (manto livre, preso ao pescoço), veste militar, e deu parte dela ao pobre e com a outra parte, cobriu-se a si o melhor que pôde. Tal facto provocou chacota a homens levianos e vãos e choro e compaixão aos sensatos e respeitáveis. Viu também que essa obra tinha sido agradável a Deus, porque na noite seguinte lhe apareceu Cristo nosso Senhor coberto com aquele pedaço de capa, dizendo-lhe que olhasse bem se fora aquela veste que tinha dado no dia anterior ao pobre. E, voltando-se para uma multidão de anjos que O acompanhavam, com voz alta, disse: Martinho, sendo ainda catecúmeno, cobriu-me com esta veste.

2. É tão grande estima do Senhor pelo que se faz com o pobre por seu amor que paga muito bem qualquer serviço que se lhe faça.

Não se desvaneceu Martinho com este favor do Senhor. Pelo contrário, reconhecendo e glorificando mais a graça de céu, tomou a decisão de se retirar para a vida perfeita e, enquanto não pôde romper as cadeias que acorrentavam o corpo à vida do século, viveu com o coração e com o desejo do Céu, e assim o fez. Mostrou-se bem que Deus o guiava e o amparava.

Militando no exército de Juliano, o apóstata, irmão de Constâncio II, imperador, tendo os alemães, entrado em França, com um poderoso exército, Martinho pediu licença para deixar as armas, a fim de se recolher. E, acusado por Juliano de cobardia e temor da batalha que se daria no dia seguinte, respondeu com grande valentia que, para que se entendesse que o seu pedido de licença fora feito pelo único desejo de servir a Deus, estaria pronto para no dia seguinte colocar-se na vanguarda da batalha, sem qualquer arma a não ser o sinal da santa cruz e com ela penetrar no meio dos inimigos.

Juliano, agastado com estas palavras, que lhe pareciam de soldado fanfarrão, mandou-o prender e colocou-o desarmado diante dos inimigos. Estando todos suspensos e interpretando cada um, segundo o seu critério, este facto e esperando sucesso, logo de manhã vieram embaixadores dos alemães pedir a paz a Juliano, sujeitando-se a obedecer-lhe.

Isto se atribuiu à santidade e às orações de S. Martinho que obtiveram de Deus que mudasse os corações daqueles bárbaros e desse uma assinalada vitória a Juliano, sem sangue, a fim de, suavemente, livrar Martinho do perigo que visse a ter entre espadas e lanças, embora delas o pudesse salvar com o seu poderoso braço.

S. Martinho despediu-se, assim, da guerra. E, sabendo que o bem-aventurado Sto. Hilário, bispo de Poitiers, era famoso em doutrina e santidade, dirigiu-se a ele a fim de que o aceitasse como discípulo, deixando-se guiar por sua mão a fim de que o conduzisse à perfeição. Sto. Hilário quis ordená-lo diácono, mas ele não consentiu, considerando-se indigno. Por fim, aceitou ser exorcista que, muito embora fosse ofício eclesiástico, não o era de tanta honra e estima.

Entretanto, teve uma revelação de Deus de que era preciso regressar à sua pátria, para ajudar seus pais que eram idólatras. Para obedecer ao Senhor, com a bênção de Sto Hilário e lágrimas de ambos, despediu-se deles e dos outros companheiros, lembrando-lhes que nessa viagem ia ter muitos trabalhos e dificuldades.

3. Não se enganou, porque ao passar os Alpes caiu nas mãos dos ladrões que o quiseram matar. E um deles tinha já tirado a espada para a descarregar na cabeça do santo, mais foi detido por outro menos desumano, segundo a vontade do Senhor. Então, prenderam-no e ataram-no para o despojar.

Perguntando-lhe quem era e se tinha medo. Respondeu que era cristão e que nunca tinha estado mais seguro e com tão pouco medo, pois sabia que, nos maiores perigos, Deus está mais presente para ajudar aqueles que n'Ele confiam. O seu exemplo inalterável e as suas palavras foram tão poderosos que um desses salteadores se converteu e se fez religioso e contou o que naquela ocasião se deu com S. Martinho.

4. Seguindo o seu caminho e passando por Milão, apareceu-lhe o demónio, em forma humana e perguntou-lhe onde ia. O santo respondeu que ia aonde o levava Deus. Então o demónio replicou: onde quer que vás e qualquer coisa que faças tem por certo que o demónio te será contrário. Então o santo respondeu com o verso do salmo: *Dominus mihi adjutor, non timebo quid faciat mihi homo* (O Senhor é o meu amparo, não temerei o que o homem possa fazer contra mim). Dizendo estas palavras, o impostor desapareceu.

Chegado à sua pátria, procurou levar os seus pais ao conhecimento e ao amor do Deus verdadeiro. A mãe converteu-se, mas o seu pai permaneceu na sua cegueira. Sentiu muito o santo, mas Deus o consolou com muitos outros que, pelas suas exortações e exemplos, entraram nas sendas rectas da nossa santa religião.

5. Também muito sofreu nesta sua missão de defender a Fé católica. Tendo-se propagado extraordinariamente e robustecido a heresia ariana, o santo com grande espírito e zelo se opôs aos hereges, pelos quais foi cruelmente perseguido, preso, açoitado e publicamente afrontado com várias injúrias e maltratado com penas.

Assim viu-se obrigado a refugiar-se em França, procurando o seu bom Mestre Santo Hilário. Mas tendo sabido que também ele tinha sido desterrado de França por causa da Fé católica, dirigiu-se a Milão com o desejo de fundar um pequeno mosteiro e lá ficar até que Deus lhe indicasse outra coisa.

Nesse tempo, era bispo de Milão Auxêncio, grande herege e cabeça dos arianos. Foram tantos os ultrajes e maus tratos que deu a S. Martinho que o expulsou da cidade. O santo determinou esconder-se com um sacerdote, grande servo de Deus, que lhe fez companhia, numa ilhota deserta do Tirreno, chamada Galinária. Aí permaneceu, alimentando-se com as ervas do campo, até que soube que Santo Hilário tinha regressado do seu desterro a França.

Foi, então, à sua procura e recebido por ele com grande gozo e alegria. Aqui, fora da cidade de Poitiers, S. Martinho edificou um pequeno mosteiro para si e para alguns dos que o seguiam. Entre estes foi um catecúmeno. Estando S. Martinho ausente, o catecúmeno, caindo gravemente doente, dentro de poucos dias perdeu a vida e morreu sem baptismo. Quando o santo chegou a casa e falou com os seus monges

muito aflitos pelo que sucedera e ao corpo já pronto para a sepultura, aproximou-se dele triste e desconsolado. Olhou-o com grande pesar e, num impulso particular de Deus, mandou que todos saíssem daquele aposento. Fechadas as portas, estendeu-se sobre o corpo frio do defunto e com fervorosa oração suplicou ao Senhor que lhe desse a vida e o Senhor lho concedeu. Assim, abrindo-se as portas do aposento aos que esperavam fora, acharam vivo, o catecúmeno que iam enterrar, com grande admiração e espanto. Então, ressuscitado, o catecúmeno recebeu logo a água do santo baptismo e viveu muitos anos. Contou como tinha saído a sua alma do corpo, apresentada diante do tribunal de Deus, como tinha sido condenada a ficar em lugares tenebrosos e como soube pelos anjos que S. Martinho suplicava por ela e como o Juiz da vida a mandara entregar para que lhe restituíssem a vida e a apresentassem ao seu servo Martinho.

Outra vez, teve conhecimento que um criado de um homem honrado e rico, chamado Lupicino, se tinha enforcado. Movido pela dor e compaixão daquele homem desventurado, e pelas lágrimas de uma grande multidão de pessoas que lhe saiu ao caminho, chorando e lamentando-se pelo sucedido, entrou no aposento onde se encontrava o morto. Fazendo oração por ele, Lupicino levantou-se vivo e tomando a mão do santo, o acompanhou até à porta da casa, onde se encontrava aquela multidão de pessoas que cheia de gozo e admiração, não cessava de glorificar, em S. Martinho, a imensa bondade e onipotência do Criador.

6. Com estes milagres tão grandes e tão evidentes de dois mortos ressuscitados, o povo começou a considerar S. Martinho como varão apostólico, muito poderoso em obras. Como nesta altura, por morte do bispo, a Sé de Tours estava vaga, puseram os olhos em S. Martinho, desejando que fosse ele o seu prelado e pastor. Mas sabendo que ele recusaria e não o poderiam facilmente arrancar do seu mosteiro, um cidadão chamado Rubico, fingindo que a sua mulher estava gravemente doente e suplicando que viesse dar-lhe a sua bênção, conseguiu com este engano, retirá-lo do convento. Trouxeram-no, como que preso, acompanhado por muita gente que tinham prevenido e levaram-no à igreja para o fazer bispo, com muita alegria e contentamento de todo o povo. Todavia não faltaram os que o repugnaram, dizendo que era pessoa vil e de fraca presença, desgrenhado, mal vestido e, por fim, indigno de ser bispo. Porém, como o assunto era de Deus, prevaleceu a eleição que tinha sido feita no céu e confirmada na terra, não sem alguns sinais divinos. E S. Martinho foi colocado na Cátedra, saltando todos de prazer e júbilo e só ele chorava por ver-se tão honrado e colocado numa Dignidade, da qual se considerava indigno.

7. Mas quem poderá explicar as coisas que este santíssimo Pastor fez em apascentar e acrescentar o rebanho que Deus lhe confiou, e como conservou a virtude de homem particular e reuniu as excelências de homem público, unindo a humildade de monge e a vigilância de Prelado, a acção de Marta com a contemplação de Maria? Porque, para além de ter levantado mosteiros em França, foi o primeiro a unir a vida monacal com a clerical, como fez Sto. Agostinho em África. E de tal modo irmanou os exercícios dos mosteiros com os da Igreja que da sua escola saíram bispos excelentes, numa e noutra coisa, na contemplação e na acção. No tratamento da sua pessoa nada mudou: a comida era a mesma de outrora, o vestido pobre e vil, como era costume. Retirou-se para um mosteiro que edificou, a meia légua da cidade, num lugar

pedregoso e cercado pelo rio Loira (Loire), onde vivia com os seus monges que eram oitenta, a maior parte de sangue nobre, educados com muito mimo, os quais por amor de Cristo, abraçaram a cruz, seguindo o exemplo de S. Martinho, vivendo na terra, como anjos do céu. A habitação que possuíam era estreita e as celas lúgubres, cavadas na rocha, mais para meditar na morte que para gozar a vida. Nenhum possuía coisa própria, todos viviam em comum e a ninguém era permitido comprar ou vender. Poucas vezes saíam da cela, a não ser para a oração comum ou para a refeição da tarde, pois que durante o dia jejuavam. Ninguém bebia vinho, a não ser por doença e as vestes eram sobretudo de pêlos de camelo, abstendo-se de panos delicados, ricos, escandalosos e contrários à santa religião.

S. Martinho era muito dedicado aos seus discípulos, incitando-os com o seu exemplo, palavras e conselhos, à perfeição. Recebia, com extraordinária caridade e humildade, os hóspedes que o vinham visitar de várias partes. E ele mesmo lhe lavava os pés lhes dava água para as mãos e os servia. E, após ter-lhes dado, com temperança, a refeição do corpo, oferecia para o espírito o seu alimento e um suavíssimo convite para reflexões espirituais. Nunca perdia tempo de dia e ganhava as noites com vigília e oração. Dormia no chão, com um áspero cilício. De comida e de sono, não dava mais ao seu corpo que o que a extrema necessidade pedia. Era excessivamente cauteloso em julgar as intenções dos outros e interpretava as suas acções e intenções pela melhor apreciação, atendendo sempre à fama e reputação do próximo. Compensava as injúrias que lhe eram feitas, com a oração, derramando muitas lágrimas, pelos que as faziam, pagando sempre com o bem o mal que lhe causavam. Nunca o viram rir em vão, nem estar triste, mas sempre com o mesmo semblante e com a mesma paz de alma e a mesma gravidade de rosto, em qualquer espécie de coisas prósperas e adversas, alegres e tristes. A misericórdia e a esmola com os pobres pareciam ter nascido com ele, de tal modo que não se punha de fora em socorrer qualquer necessitado, da forma que podia.

Certa vez, indo para a igreja dizer missa, numa manhã de inverno, viu um pobrezinho desamparado que morria de frio, mandou que o arcediogo o vestisse. Entrou na igreja e feita a oração ao Senhor, recolheu-se na Sacristia, para se vestir. O arcediogo, ou por descuido ou por não ter com quê, não remediou o pobre. Entrando na sacristia, o mesmo pobre pôs-se diante do santo Bispo, queixando-se que não o tinham apoiado como ele mandara. Sentiu-o muito. Tendo mandado afastar o pobre, tirou a sua túnica e deu-lha, tirando-a, como pôde, debaixo da casula que já tinha vestido. E, saindo para a missa, Nosso Senhor quis honrá-lo e mostrar-lhe quão grata tinha sido a caridade que tinha usado com o pobre que fez com que, da cabeça do Santo, no tempo em que estava no altar, saíssem raios de luz e, como que, uma chama de fogo que foi vista, entre um inumerável povo que aí estava, apenas por três monges, um clérigo e uma santa donzela.

Mas que direi da paciência, sofrimento e mansidão deste santo Varão? E dos modos com que Deus teve para o manifestar, honrar e engrandecer na terra? Certa vez em que visitava a sua diocese (que sempre o fazia com sumo cuidado e edificação) e os acompanhantes ficaram para trás, viu o santo uma carroça de soldados que andava com muita pressa, espantaram-se os cavalos, ao vê-lo, e atrapalharam-se de tal modo que os soldados enfureceram-se e, com rancor, saíram do carro e, fora de si, deram muitos açoites a S. Martinho, sem o conhecer, e o maltrataram de morte de tal modo que caiu por terra meio morto, sem o Santo abrir a boca para se queixar, nem

dizer palavra, nem mostrar ressentimento, nem amargura. Os companheiros que o seguiam, encontraram-no, com ferimentos e ensanguentado e com muitas dores. Colocaram-no sobre um jumento. Mas o Senhor castigou aqueles soldados que com tamanha impiedade trataram o seu servo, de tal modo que os cavalos, como se fossem de pedra, estacaram imóveis, sem dar qualquer passo.

Reconhecendo que era castigo de Deus, perguntaram, através de sinais, quem era o caminhante e, compreendendo que era S. Martinho (cujo nome era mais conhecido que a sua pessoa), lançaram-se a seus pés, pedindo humildemente perdão do seu atrevimento e loucura. E o Santo que, por revelação, do que iria acontecer, e já tinha dito aos seus companheiros, recebeu-os amorosamente e alcançou, pela oração, que pudessem partir livremente.

Não é menos notável a mansidão e a paciência que usou com Brício, um dos seus clérigos, que tendo sido educado louvavelmente na vida religiosa, se fez, depois, clérigo e se entregou a gozos, entretenimentos e vaidades do século. Foi avisado, como pai, por S. Martinho, do escândalo que dava com a sua vida. O pobre homem não só não se emendou e se compungiu com as doces palavras do Santo, mas, tomando-as com afronta e injúria, veio ao mosteiro, lançando chamas de fogo pelos olhos e com o rosto perturbado, fora de si, perante muita gente, o injuriou em excesso, a ponto de o agredir se lhe não pusessem as mãos.

O Santo já tinha visto, antes de Brício chegar ao mosteiro, dois espíritos malignos que o chamavam e atiçavam para que se vingasse dele. E, por isso, acolheu-o com a sua habitual suavidade e com tão grande mansidão que Brício ficou confuso que pediu perdão. E com as suas orações obteve de Deus que se emendasse e lhe sucedesse no bispado. E deste modo se disse que nele padeceria muito.

Embora, quando se disse tal coisa, foi objecto de riso de que Brício desfrutava, tendo S. Martinho por insensato. Na realidade, após a morte de S. Martinho, cumpriu-se tudo o que este tinha profetizado. Com grande concórdia do clero e do povo, Brício foi eleito prelado daquela Igreja e governou-a tão santamente e sofreu tantas e tão graves perseguições e, assim, se cumpriu totalmente o que S. Martinho tinha prognosticado e, com isso, tornou-se santo e, como tal, o celebra a santa Igreja a treze de Novembro. Todo este bom sucesso alcançou S. Martinho com singular paciência e mansidão, com que suportou Brício e o encaminhou para Deus. Nunca desejou acabar com ele, privando-o do grau que tinha, nem castigá-lo, como muitos o persuadiram. A todos respondia: Jesus Cristo suportou Judas e vós não quereis que sofra com Brício? Com esta mesma mansidão nunca se vingava das injúrias e agravos que lhe faziam e perdoava com muita facilidade aos que se arrependiam e admitia à reconciliação e penitência os pecadores que choravam as suas culpas e se esquecia delas para sempre, em tão alto grau que o demónio, inimigo da nossa salvação repreendeu-o, dizendo: *Que Deus não perdoava aos que lhe voltavam as costas e caíam em pecados graves.* O Santo respondeu com firmeza e confiança em Deus: *Se tu, desventurado, deixasses de tentar os homens e te arrependesses, eu, confiado na bondade de Deus, com toda a certeza, prometer-te-ia a sua misericórdia.*

8. Que direi das outras heroicas e esclarecidas virtudes deste Santíssimo Varão? Especialmente do zelo ardentíssimo que teve em conservar e ampliar, em todos os lugares, a Fé Católica? E daquela sede insaciável de ilustrar e estender a Religião Cristã

e extinguir as marcas do paganismo, que, no seu tempo, vigoravam em algumas partes?

Certa vez, indo à cidade de Chartres, teve de passar por uma aldeia, cheia de pagãos que, pela fama de Santo, saíram todos a vê-lo e foi tanta a gente que os campos estavam repletos de lavradores idólatras e sem conhecimento do Deus verdadeiro. O Santo Prelado, quando os viu, enterneceu-se de tal modo que, com verdadeiro afecto e os olhos postos no céu, começou a pregar-lhes a Palavra de Deus e a convidá-los para a salvação eterna, com um sentimento e umas palavras, voz e energia tão grandes, que se via bem que não era ele que falava, mas Deus. Para dar eficácia às palavras de S. Martinho e confirmá-las com o seu poderoso braço, para bem de toda aquela rústica e cega gente, proporcionou a uma mulher que colocasse diante dele o seu filho único que tinha morrido há pouco tempo, suplicando-lhe para que o restituísse à vida, pois que sendo amigo de Deus, facilmente o poderia fazer. Juntaram-se aos rogos e lágrimas da mãe, os soluços e a intercessão de todo aquele povo e S. Martinho, considerando, que aquele milagre seria motivo para que se convertessem à Fé de Cristo, fez oração e ressuscitou-o e entregou-o vivo a sua mãe (que pasmava, atónita e, como que fora de si, com tão grande alegria). Na presença de toda aquela gente que, movida pelo que tinha visto, lançou ao céu um grito e, correndo impetuosamente, lançou-se aos pés do Santo, pedindo-lhe que os fizesse cristãos.

O Santo ficou mais contente por ter conquistado aquelas almas para o Senhor, do que conquistado um reino ou alcançado qualquer outra coisa temporal. Com o mesmo zelo, procurou extirpar a memória do paganismo e culto profano, sem ter em conta da empresa, nem do ódio dos pagãos, nem do perigo para si, nem da magnificência e sumptuosidade dos templos e edifícios que começaram a deitar-se abaixo. Deus, nosso Senhor favorecia-o visivelmente para que o seu propósito tivesse êxito e resultasse tudo em que punha as mãos, por mais difícil e impossível que lhe parecesse.

Quis derrubar uma torre alta, com pedras ricas, lavrada com grande arte e custo, porque fora dedicada a um ídolo. Tendo-o encomendado a um clérigo, de nome Marcelo e vendo que o não fizera (porque não tinha instrumentos para derrubar uma estrutura e edifício tão forte), S. Martinho esteve a noite inteira em oração e, logo de manhã, veio um torvelinho de ventos, trovões, relâmpagos e raios sobre ela que a arrancou dos alicerces e a assolou com espanto e admiração de todos.

Noutro lugar estava uma coluna altíssima e, sobre ela, um ídolo. Querendo o Santo destruí-la e não tendo formas de o fazer, retomou as suas habituais armas que eram a oração. Subitamente, apareceu no céu, à vista de todos os que ali estavam, outra coluna que caindo com enorme ímpeto sobre ela, a desmoronou e reduziu o ídolo a pó.

Noutro lugar havia assolado um templo pagão e quis deitar por terra um alto pinheiro, dedicado ao demónio. Opuseram-se os pagãos e um deles, mais atrevido e arguto, levantando a voz, disse: *Se tens tanta confiança no teu Deus, cortaremos a árvore, na condição de que, ao cair, a sustenhas e a sustentares nos ombros.* Aceitou o desafio. Cortaram a árvore e ataram os pés do santo Pontífice, para que não pudesse fugir. Ele, como uma estátua esteve quieto, sem se mover, com grande serenidade. Até que, inclinando-se a árvore para vir com grande ruído cair sobre ele, sem se perturbar, ergueu o braço e fez o sinal da cruz e, imediatamente, a árvore se revolveu para a parte contrária e pouco faltando que não esmagasse e matasse os próprios

pagãos que o haviam acorrentado, os quais, por um prodígio tão estranho e tão repentino, elevando as mãos e as vozes ao céu, se renderam à vontade de S. Martinho e se converteram a Cristo.

Deste modo, em pouco tempo, pela diligência e vigilância do Santo Prelado se limpou aquela terra de toda a idolatria e não ficou lugar que não fosse de cristãos, cheio de igrejas e mosteiros, pois que era costume do servo de Deus, ao arruinar um templo dos demónios, edificar imediatamente, no mesmo lugar, uma igreja do Deus verdadeiro ou um convento de religiosos, para que fosse adorado.

Outra vez, havendo fogo num antigo e nobre templo de ídolos, levantou-se um vento impetuoso que levava o incêndio às casas vizinhas, com o perigo de se estender às demais e temia-se que, com o sentimento do seu dano particular, aqueles pagãos se armariam, para vingar a destruição do templo e a ruína dos seus deuses. Então, S. Martinho, armado com a fé de Cristo, nosso redentor, subindo ao telhado, opôs-se às chamas que vinham com grande fúria. Ao ver o Varão de Deus, imediatamente, as chamas recuaram e voltaram-se contra a violência do vento e, deste modo, as casas viram-se livres do fogo e do perigo. S. Martinho, apenas com a sua presença, fez o que todo povo, com a água e outros meios não pôde fazer.

Outra vez, querendo derrubar outro templo de ídolos muito famoso, pelas avultadas riquezas que nele havia e pela grande superstição com que era venerado, os pagãos resistiram-lhe, lançando sobre ele infâmias e afrontas. O Santo retirou-se para fazer oração num lugar próximo, onde esteve três dias contínuos jejuando, vestido de cilício e coberto de cinza. Ao fim desses dias, apareceram-lhe dois soldados da Celeste Milícia, armados com escudo e lança, dizendo que o vinham ajudar, em nome do Senhor, contra toda aquela multidão de pagãos. E que voltasse com segurança para a sua empresa e não temesse. S. Martinho regressou, assolou o templo, destruiu altares e desfez os ídolos, ficando toda a gente atónita, pasmada e estática. Reconhecendo que se tratava não de obra de homem, mas de Deus, converteu-se àquele Senhor que por meio do seu servo a havia realizado, declarando que não eram deuses, os que não puderam resistir a um homem e que tão só era verdadeiro o Deus que S. Martinho pregava.

Não é menos admirável o que certa vez aconteceu na província de Borgonha. Querendo o Santo destruir um templo de pagãos, uma grande multidão de lavradores resistira-lhe. Um deles desembainhou a espada e veio para ferir o Santo. Ele, sem perturbar-se, imediatamente tirou o manto e estendeu o pescoço nu, para que o ferisse. Levantando o braço ímpio para o fazer, caiu de costas diante de todos e, ficando tão assustado e assombrado, prostrou-se a seus pés e pediu-lhe perdão.

Uma vez mais, em outro caso semelhante, querendo um homem malvado matá-lo, caiu-lhe das mãos a arma que tinha e não mais voltou a aparecer.

9. Deste modo, andava S. Martinho a exercer o seu zelo para extirpar a idolatria do mundo e elevar o nome e a glória de Deus e o próprio Senhor o amparava e defendia, por um lado, e o ilustrava e engrandecia, por outro, com tantos milagres enchendo-o de glória e não só aos olhos da gente comum, mas também dos príncipes da terra, como se viu com o que sucedeu, com o príncipe, procônsul, chamado Tetradio, pagão que tinha um criado gravemente atormentado pelo demónio. Este rogou a S. Martinho que impusesse as mãos sobre o seu criado e o curasse. O Santo mandou que o trouxessem, mas o demónio fez-se forte e não foi possível tirar o criado

de casa do seu amo. Então Tetradio suplicou a S. Martinho que fosse a sua casa e curasse aquele pobre homem. Mas o Santo não o quis fazer, dizendo-lhe que não queria entrar em casa de homem pagão e profano. Com isso, Tetradio prometeu fazer-se cristão, se libertasse o seu criado do espírito maligno que o atormentava. S. Martinho foi a sua casa, sarou o criado e baptizou Tetradio que tomou sempre S. Martinho por Pai da sua alma e o reverenciou.

10. Mais admirável foi o que sucedeu com o Conde Adiciano, homem de temperamento cruel e áspero que mais parecia fera que homem. Entrou na cidade de Tours, certa vez, com a intenção de a destruir, atormentando a muitos com vários géneros de penas e suplícios. Na noite anterior ao dia em que o conde ia executar a sua crueldade, tendo sido avisado S. Martinho do seu mau intento, estando todos a repousar a sono solto, foi sozinho para a porta do Palácio e pôs-se em oração. Adiciano dormia muito sossegado e ouviu uma voz que lhe disse: *O Servo de Deus está prostrado no chão à tua porta e tu dormes?* Apavorado com esta voz, saltou da cama e chamou os seus criados e disse-lhes que S. Martinho estava à sua porta e mandou que o trouxessem imediatamente. Os criados (como de costume), mal saíram dos primeiros aposentos, logo regressaram para junto do senhor e, fazendo burla, do que lhes ordenara, disseram que fora um sonho e não estava tal homem à sua porta. Adiciano acreditou e voltou a adormecer. De novo sentiu que o repreendiam com mais força e estranheza. Levantou-se imediatamente e o próprio saiu fora de casa e aí encontrou o Santo que buscava. Lançando-se a seus pés, respondeu que não tinha necessidade de dizer palavra, porque faria tudo o que ele mandasse. Só lhe pediu que fosse embora, a fim de que não caísse sobre si a ira de Deus. Mal o Santo saíra, o Conde chamou de imediato os seus Oficiais e mandou soltar todos os presos que iam ser atormentados e saiu da Cidade. A Cidade ficou alegre e aliviada e louvou o Senhor que a tinha libertado, por meio do seu Pastor, dos dentes daquele lobo carniceiro. De facto, era-o tanto que nunca se fartava de sangue humano e só parecia, não ser tão cruel, quando estava presente S. Martinho.

Vendo um enorme demónio nos ombros de Adiciano, com um sopro o afugentou e o lançou dali. A partir desse momento, Adiciano passou a ser mais brando e benigno.

Não é para admirar menos o que se passou entre S. Martinho e o imperador Valentiniano, o grande, severo de carácter e de sua mulher, herege ariana, que conspirava contra os católicos.

Tendo sabido que S. Martinho ia tratar com alguns assuntos de que não gostava, mandou que não o deixassem entrar no Palácio, a fim de não ter de negar-lhe o que vinha pedir. S. Martinho foi uma e duas vezes e não foi recebido. Mas o santo, nem por isso, desanimou. Armou-se com a oração, cilício, cinza e jejum. Ao sétimo dia de oração e penitência, veio um Anjo do céu dizer-lhe que fosse ao Palácio porque as portas estavam abertas e o Príncipe mais brando e humano. O Santo fez o que o Anjo lhe ordenou. A entrada estava desimpedida e ninguém o estorvou e entrou no aposento onde estava o próprio Imperador. Ao vê-lo, aborreceu-se e com o rosto severo, repreendeu os criados que o tinham deixado entrar, sem qualquer gesto de cortesia e boa educação para com o santo Bispo. Estava tranquilamente sentado, sem responder-lhe, quando subitamente se aproximou do assento uma chama de fogo que atingiu o corpo de Valentiniano. Percebendo que não se tratava de coisa humana, levantou-se apavorado, humilhou-se e reverenciou o santo. Sem esperar mais tempo,

concedeu tudo o que desejava e tratou-o com muita familiaridade, convidando-o a comer e oferecendo-lhe vários e ricos presentes que S. Martinho, fiel amigo da pobreza, não quis aceitar. Assim, com muita edificação do Imperador e da sua corte, regressou à sua Igreja.

11. Assim como não se deixava vencer pelas dificuldades e danos nas coisas que empreendia para servir o Senhor, também não se iludia com prosperidades e benefícios dos príncipes, mas em tudo guardava o mesmo estilo de vida e com apostólica nobreza ajustava a religiosa modéstia, como aconteceu com o Imperador Máximo.

Tendo ido S. Martinho tratar com ele alguns assuntos de grande caridade e glória do Senhor, foi recebido por Máximo com grande veneração, obsequiado e servido como um homem vindo do céu. Entre outras coisas que fez o Imperador, para favorecer S. Martinho, foi convidá-lo a comer consigo. E tendo-o conseguido, após muitos rogos e instâncias, sentaram-se à mesa, em primeiro lugar o Imperador, logo o santo bispo a seu lado e outros três grandes, um Cônsul, o Irmão e o Tio do Imperador e, entre eles, um clérigo que acompanhava S. Martinho. Com o convite à frente, trouxeram um grande copo de vinho, como era costume da terra, e puseram-no diante do Imperador para que bebesse. Ele, por deferência para com S. Martinho, mandou que o dessem a ele, para que bebesse primeiro e depois recebê-lo-ia das suas mãos. Mas o grande Prelado, após ter provado o vinho, entregou o copo ao seu clérigo, pensando que na mesa não havia pessoa, nem mesmo o imperador, que se devesse antepor ao sacerdote. Embora parecesse coisa nova, não usada por outros bispos (que com o andar indignamente nas Cortes e procurar as graças dos Ministros dos Príncipes, apoucavam e envileciam a sua dignidade) e pudesse parecer desconsideração, edificou o Imperador e os outros senhores que ali estavam, porque viam em S. Martinho um homem mais divino que humano.

Não foi de menor estima e admiração, a honra que prestou a Imperatriz, mulher de Máximo. Achou-se esta princesa, muitas vezes com o seu marido, a ouvir os argumentos do Bem-aventurado Bispo e as palavras de vida que lhes dizia, a fim de os despertar ao desprezo das coisas incertas do século e a deixar-se cativar e acender-se no desejo das eternas. E reverenciando com fé viva e afecto castíssimo em Martinho a Pessoa de Cristo (para além de estar muitos momentos a seus pés, como outra Maria Madalena aos pés de Cristo) quis exercer também com ele o ofício de Marta. Para isso, lhe suplicou e importunou que o deixasse servir e tomasse uma sóbria refeição das suas mãos. Havendo-o negado o Santo muitas vezes (pois que não desejava semelhantes mimos de mulheres), interveio a autoridade do Imperador, à qual se rendeu o Santo Prelado, a fim de ser agradecido para as coisas do serviço divino que dele pretendia.

A devota imperatriz fê-lo sentar-se à mesa e ofereceu-lhe água para as mãos e trouxe-lhe carne que ela mesmo preparara e serviu-lhe o copo e esteve de pé, enquanto durou a refeição, fazendo o ofício de humilde criada, com os olhos baixos, de coração alegre e atenta a servir o santo Bispo. Depois levantou a mesa e recolheu as sobras, mesmo as migalhas de pão, tendo-as como relíquias e por grande tesouro. Raro exemplo, em tão grande princesa, da reverência que se deve aos santos e do respeito com que se devem tratar os sacerdotes e Prelados e notável, em tempos tão estragados e perdidos, como os de agora. Admirável foi a humildade e devoção da

Imperatriz a honrar o Senhor no seu servo e a testemunhar a estima que tinha por aquele Santíssimo Prelado, a quem servia e venerava na terra, como se tivesse vindo do céu.

Porém, ainda que por caminho diferente, não é menos de admirar o que uma santa Donzela fez com S. Martinho, não para o desprezar, mas por apreço e guarda da castidade. Havia uma donzela nobre e de cuidada virtude que, para viver no maior recolhimento, afastada dos olhares e perigos dos homens, se retirara para uma sua casa de campo, onde vivera muitos anos com grande fama de santidade. S. Martinho, indo a caminho, passou próximo, donde ela morava. E, querendo honrá-la e animá-la a levar por diante os seus santos propósitos, determinou visitá-la, o que nunca costumava fazer com outras mulheres, visto que não era seu costume visitá-las. Ao chegar à porta da sua casa, avisaram a donzela da grande graça que Deus lhe fazia indo visitá-la um Varão tão eminente e admirável. Julgaram todos que ela levantaria as mãos ao céu e recebê-lo-ia como um grande ministro de Deus e tomaria como testemunho do seu recolhimento ver S. Martinho em sua casa. Mas, esteve tão em si que enviou súplicas ao Santo que não viesse para que a porta da sua casa ficasse mais fechada a todos os outros homens, visto que não se abria a quem era mais que homem. O Santo aceitou a escusa e louvou-a. E se entendeu como era recatada e zelosa em guardar a sua honestidade, a que não queria ser visita de homem, mesmo que fosse Martinho. Enviou-lhe a santa Donzela um presente e refresco e o santo recebeu-o com boa vontade, dizendo que não era justo que o sacerdote recusasse o que aquela santa virgem lhe enviava, pois merecia ser preferida a muitos sacerdotes. E os acompanhantes se admiraram que o aceitasse, porque nunca era costume aceitar presentes que lhe enviassem.

12. Ouvindo S. Severo Sulpício contar o exemplo desta virgem, disse estas palavras: *Ouçam as virgens este exemplo. E, para que os maus não rondem as suas portas, cerrem-nas também aos bons. E para que não se aproximem delas com liberdade os ruins, não tenham pejo de excluir os sacerdotes com recato. Saiba todo o mundo que uma donzela não consentiu que S. Martinho a visse. Não recusou apenas um qualquer sacerdote, mas não quis ver aquele que trazia salvação a quem o via.*

13. Mas que maravilha que S. Martinho tenha tido tão grande paciência e tão aperfeiçoado sofrimento, tão excelente mansidão, tão ardente zelo da glória de Deus e da irradiação da sua Religião, tanta fortaleza e confiança nos desaires e tanta humildade e modéstia nos benefícios dos príncipes e um espírito excelso, magnânimo e superior em todas as condições prósperas e adversas da terra, pois que, embora estivesse com o corpo nela, o seu coração habitou sempre no céu. E, por meio da oração se deliciava e entretinha com o Senhor e com os espíritos bem-aventurados da sua corte celeste. Tinha sempre Deus presente e via a Deus, em todas as criaturas e elas serviam-lhe de livro em que lia e contemplava as infinitas perfeições do Criador. E, de todas as coisas, tirava conceitos delicados, documentos proveitosos e parábolas acomodadas à edificação, dos que se relacionavam com ele.

Na Igreja estava com tão grande devoção e reverência que ninguém o viu sentado, estava sempre de joelhos ou de pé e com o rosto pálido e temeroso e perguntado porquê, respondia: *Não quereis que tema se Deus está aqui?! Era com frequência visitado pelos santos anjos, S. Pedro, S. Paulo, Sta. Tecla, Sta Inês e pela*

Rainha dos Anjos e Senhora nossa, a Virgem Maria. Oferecendo o Santo Sacrifício da Missa foi visto com a sua mão adornada de riquíssimas pedras preciosas e, em tudo, era obsequiado e favorecido pelo Senhor. Tinha tão clara e tão soberana luz por meio da sua oração que nada se lhe escondia e com facilidade distinguia as trevas da luz e os embustes e laços de Satanás, da verdadeira e sólida visita divina, como se vê no que certa vez fez.

Não longe do Mosteiro de S. Martinho, havia um lugar muito frequentado pela gente, por pensar que nele havia algumas relíquias dos mártires a que bispos passados tinham edificado um altar em honra deles. E, como S. Martinho inquirisse a origem daquela devoção e não encontrasse fundamento dela, teve-a por duvidosa e assentou não ir àquele lugar, para não a autorizar com a sua presença, nem desobrigar o povo da sua devoção. Mas um dia, levando consigo alguns dos seus frades, foi lá e fez oração a Deus suplicando que lhe revelasse o que havia naquele sepulcro. Viu imediatamente uma horrível e espantosa sombra que intimou que dissesse quem era. Respondeu que era a alma de um ladrão que tinha sido morto por seus delitos e era celebrado como mártir, por engano do povo. Mas ele, nada tinha a ver com os mártires, porque eles estavam na glória e ele nas penas do inferno. Com isto, o santo mandou derrubar o altar e libertou o seu povo daquele engano.

Com este exemplo e outros que sucederam, a santa Igreja fez tão grande exame de vida e milagres dos que deve canonizar para não propor aos fiéis por santos senão os que com toda a certeza e averiguação o são.

Pretendendo o comum inimigo enganá-lo, estando um dia S. Martinho orando na sua cela, veio rodeado de luz, com roupas de rei e com coroa de ouro e pedras preciosas e calçado rico e admiravelmente dourado, um rosto sereno e alegre que nada parecia o que era. S. Martinho ficou suspenso à primeira vista, até que o demónio lhe disse que era Cristo que baixava do céu à terra e que tinha querido visitá-lo e manifestar-se primeiro a ele que aos outros. Tendo o Santo percebido, por revelação de Deus que ele não era Cristo mas o anti-Cristo, inimigo de toda a verdade, disse-lhe: Nosso Senhor Jesus Cristo não disse que viria vestido de púrpura, coroado e adornado de diadema. E eu nunca acreditarei que é Cristo quem não vier com hábito e figura em que Cristo padeceu e não trouxe os sinais da cruz no seu corpo. A esta voz, desapareceu como fumo, aquele inimigo do género humano, deixando um cheiro tão sujo e abominável na cela que por si vastava para declarar quem era e o que pretendia.

Foi tanto o que esta besta temia de S. Martinho e como ele a desprezava e afugentava que não se pode facilmente imaginar. Pois tendo enganado um monge, chamado Anatolio, com várias ilusões que ao pobre dava a entender que os anjos o visitavam. Para que pensasse que era verdade, apareceu numa noite entre outros monges, muito resplandecente, com uma roupa confeccionada com extrema arte e, estando todos desconfiados e temendo que não fosse, como era, mas engano do inimigo, levando esforçadamente o monge assim vestido a S. Martinho, aquela roupa desapareceu e o demónio pôs a nu a patranha e não se atreveu a aparecer diante do santo, compreendendo que toda aquela obscuridade se havia de desfazer em favor de tão grande luz.

14. S. Martinho tinha grande império sobre os demónios. Quando levavam à Igreja, os que eram atormentados para que o santo os sarasse, ao sair da cela do seu

mosteiro para vir à cidade, eram espantosos os trejeitos que faziam e tão horríveis os alaridos que davam que logo se sabia que era certo que o santo bispo ia à Igreja. Não afastava os demónios com ameaças, vozes e desaforos, como faziam outros exorcistas, mas vestido de um cilício, coberto de cinza e prostrado por terra, com as armas da santa oração, os subjugava e fulminava.

15. Foram tantos os milagres deste género que fez S. Martinho, para salvação das almas e dos corpos e para remédio de todos os males que lhe encomendaram, que não é possível referi-los em poucas palavras. Quem desejar conhecer mais e melhor poderá consultar S. Severo Sulpício que relatando muitos ainda diz que são poucos, relativamente aos mais e S. Gregório Turonense que escreveu quatro livros inteiros de milagres de S. Martinho. A nós basta dizer sucintamente que foi tão milagroso e tão rico em prodígios divinos que parece que Deus o fizera senhor de todas as criaturas, concedendo-lhe domínio sobre os demónios e sobre os homens, sobre os céus e sobre os elementos, sobre todas as enfermidades e sobre a própria morte, sobre aves, peixes e animais. E, com a sua oração, a sua palavra, a sua invocação, o óleo por ele benzido e com as crinas do seu cilício e a poeira do seu sepulcro e, apenas com o nome Martinho, o Senhor fez inúmeros milagres na sua vida e depois de morto, para o tornar mais glorioso e venerável, em todo o mundo. E não apenas, por intercessão de S. Martinho, fez milagres para o benefício de outros, mas também para o livrar dos perigos e males em que se encontrava.

Aconteceu-lhe uma vez que, estando a dormir no chão, houve fogo na cela. Despertando o Santo e vendo-se cercado, por todas as partes, pelas chamas, não pôde abrir a porta que estava fechada. Voltando-se para Deus, pôs em oração, no meio das chamas que diminuíram, retirando-se e o fogo se apagou, e, sem qualquer queimadura, saiu livre. Acusou-se, depois, de ter demorado a recorrer à oração e a fazer o sinal da cruz e por haver confiado noutros meios humanos.

Também teve o dom da profecia e iluminado com o espírito do céu, anunciou as coisas que haviam de suceder, muito antes de sucederem. Entre elas, anunciou ao Imperador Máximo que não fosse a Itália pois que, embora vencesse o Imperador Valentiniano, o moço, depois seria vencido e perderia, como se perdeu e pereceu.

16. Apesar deste gloriosíssimo Pontífice ter sido tão grande e tão admirável aos olhos de Deus, foi permitido que caísse em culpa, para exemplo e nosso aviso. Foi assim.

Tendo o Imperador Máximo mandado matar Prisciliano, herege, por acusação e zelo indiscreto de alguns bispos que o fizeram juiz daquela causa eclesiástica e foram, por isso, excomungados, estando em comunhão com ele os outros bispos. A fim de obsequiar Máximo, S. Martinho veio a Tréveris (Trier), onde estava o Imperador, para tratar alguns negócios de grande importância para bem da Igreja. Ao princípio, não quis comunicar e acolher com esses bispos, por estarem afastados da comunhão da Igreja. Depois, deixando-se vencer pelo Imperador que sentia muito esta sua atitude, e desejando colher o seu beneplácito, a fim de alcançar mais facilmente o bom despacho dos negócios que trazia, recebeu-os. Mas depois chorou tanto essa culpa, que para consolá-lo foi preciso que Deus lhe enviasse um anjo que lhe comunicou que com motivo se compungia e chorava essa culpa, a fim de se emendar e voltar a sua antiga constância. E como depois não expulsasse os demónios dos corpos, nem sarasse os

enfermos com tanta facilidade, como era habitual, dizia com muitas lágrimas que por se haver aproximado e comunicado com aqueles bispos afastados da Igreja (embora por tempo breve e compelido pela necessidade) Deus o tinha castigado e diminuído a graça de fazer milagres. E nos dezasseis anos que depois disto viveu, afastou-se com muito cuidado dos encontros com os outros bispos, para não cair noutra semelhante perigo.

17. Havia o nosso santo Bispo chegado já aos 86 anos, com grandes ânsias de ver-se livre das misérias desta vida e de gozar na outra a visão do Senhor e teve a revelação de que Deus queria realizar os seus desejos e que o seu fim chegava. Disse-o claramente aos seus discípulos, mas nem por isso deixou de velar pela sua grei, realizando o ministério de vigilante e solícito Pastor.

Tendo acontecido naqueles dias, certa discórdia entre clérigos de um lugar chamado Condato, determinou ir pessoalmente pacificá-los, julgando que não poderia acabar mais ditosamente a sua vida do que deixando as suas Igrejas em santa paz e concórdia. Tendo ido e concertando, com a divina graça, as coisas a seu gosto, estando para regressar ao mosteiro, começou a sentir uma grande fraqueza e falta de forças.

Reunindo os seus discípulos, disse-lhes que aquela sua casa de barro estava para cair e que necessariamente os tinha de deixar. Levantou-se, então, um unânime grito ao céu, com tristes suspiros, soluços e lágrimas e disseram: *Porque nos desamparas Pai santo? A quem nos deixas desconsolados e aflitos? Lobos famintos atacam este teu rebanho e perdido o pastor quem se poderá defender? Bem conhecemos tuas ânsias e teus acesos desejos de ver Cristo, mas o teu prémio está assegurado e por esperar um pouco não se diminui. Tem em conta a nossa necessidade, pois ficamos em manifesto perigo.*

Não pôde o servo de Cristo deixar de se enternecer, quando ouviu palavras tão amáveis e dolorosas dos seus discípulos, nem de chorar, com os que choravam. E voltando os olhos, com grande afecto, ao céu, disse: *Ó Senhor, se sou tão necessário ao teu povo, não fujo ao trabalho: faça-se a tua santíssima vontade, em tudo.* Nestas palavras mostrou que estava indeciso e que não sabia o que deveria escolher: ou ficar na terra por Cristo, ou deixar a terra pelo mesmo Cristo.

Deixou-nos, assim, o exemplo de que, em todas as coisas, devemos abandonar-nos à vontade do Senhor e colocar-nos nas suas benditas mãos com total indiferença a fim de que faça em nós o que lhe for servido.

S. Bernardo, falando da resignação de S. Martinho, disse: *Ofereceste, santo glorioso, o vosso filho único Isaac que tanto amáveis e o sacrificastes. Imolastes com piedosa devoção o gozo singular do vosso coração, estando preparado para regressar, outra vez, aos perigos e combater de novo e aceitar novos trabalhos, alargando as tentações e adiando aquela tão grande felicidade e desejada companhia dos espíritos bem-aventurados e, estando já à porta da glória, regressar às vicissitudes desta vida e, o que é mais difícil, estar, em tempo, afastado de Cristo, se o mesmo Cristo quisesse.*

Estando muito fatigado com uma resistente febre, sem nada afrouxar da sua intensa oração e meditação, estirado no chão, naquela apetecida cama de cinza e cilício, apoiando com veemência de espírito a fraqueza do corpo, afirmava que, desse modo, desejava morrer como cristão e soldado com as armas na mão.

E, como estivesse deitado de costas, olhando fixamente o céu, pediram-lhe que, pelo menos, se voltasse para um lado, para descansar um pouco. Mas o santo

respondeu: *Deixai, irmãos, que olhe antes para o céu que para a terra, a fim de que a alma por caminho direito vá para Deus.* Depois disto viu o demónio que se colocou diante dele. Ele com grande espírito e confiança, disse-lhe: *Que fazes aqui, besta sangrenta? Não acharás em mim, traidor, coisa que seja tua: o seio de Abraão receber-me-á.* E com essa voz expirou.

Quem se sentirá seguro de tal mau encontro, à hora da morte, se nem S. Martinho esteve? A quem não aparecerá, aquele que tantas e tantas vezes o santo tinha vencido? O corpo do santo estava formoso, com a cara resplandecente e todos aqueles membros mortificados, consumidos e secos, tão brancos, frescos e tratáveis que pareciam transformados em estado de glória. E, ao mesmo tempo, se ouviram, no ar, vozes de suavíssima harmonia de anjos qua cantavam. Não apenas onde morreu S. Martinho, mas também, na cidade de Colónia, o Bem-aventurado S. Severino, bispo e um arcediogo, gozaram aquela celeste consonância. E o mesmo S. Severino teve uma revelação que aquela música durou todo o tempo em que os infernais ministros da eterna justiça estavam a investigar e resolver (em vão) sobre S. Martinho. Disto poderemos ver com quanto rigor se tratam os pecadores na outra vida, pois que os juízos são examinados, com pormenor.

Tenho conhecido o glorioso passamento de S. Martinho, foi inacreditável o sentimento que os povos tiveram, por ter perdido o Pai, Pastor e Mestre e único refúgio em todas as tribulações. Vieram cheios de tristeza e amargura, celebrar as exéquias do seu santo bispo, nas quais estiveram mil monges, todos formados na doutrina de tão grande pastor e um coro de virgens castíssimas e uma multidão de gente inumerável que vendo aquele corpo e recordando as virtudes daquele espírito que antes os dirigia e agora se deleitava em Deus, por um lado choravam a sua perda, por outro regozijavam o seu proveito. E, com hinos, salmos e cantos eclesiásticos, o conduziram com maior pompa e triunfo que nenhum imperador jamais teve.

Houve uma grande contenda entre as cidades de Poitiers e Tours, alegando as suas razões, sobre qual delas tinha direito ao corpo de S. Martinho, para gozar do seu precioso tesouro. Finalmente, foi Tours, onde o Santo fora bispo. Estando os contrários a dormir, levaram o corpo do seu bispo e sepultaram-no com grande honra, devoção e reverência.

S. Martinho morreu a onze de Novembro, noite de um domingo, no ano do Senhor de quatrocentos e dois, sendo imperadores os dois irmãos, filhos do grande Teodósio, Arcádio e Honório. S. Martinho viveu 86 anos, embora alguns tenham opinião diferente, dando-lhe 81. Porém, o cardeal Barónio prova que S. Martinho nasceu no ano 316, foi militar aos 17 anos, baptizou-se aos 33 anos e deixou o exército aos 40 anos. Morreu com 86 anos, no ano de 402. Isto pode conferir-se nas Anotações do Martirologio Romano, emendadas em edição póstuma, no 3º, 4º e 5º tomo dos seus Anais. Por isso, é falso o que alguns escrevem que Sto. Ambrósio, estando no altar, a rezar missa, se arrebatou e se encontrou presente em espírito no enterro de S. Martinho, porque Sto Ambrósio morreu cinco anos antes de S. Martinho e não pode encontrar-se no seu enterro.

18. S. Severo Sulpício, bispo, discípulo e amigo, muito eloquente varão, escreveu a vida de S. Martinho, como já se referiu. S. Paulino, bispo de Nola que conheceu S. Martinho que, com uma esponja, o curou de uma sombra (catarata) que quase lhe cegava uma vista, escreveu seis livros em verso sobre a sua vida. Embora alguns

entendam que o autor destes livros fora um outro Paulino que viveu no tempo de Perpétuo, bispo de Tours, sessenta e quatro anos depois da morte de S. Martinho. E S. Gregório Turonense que foi curado milagrosamente por intercessão de S. Martinho, compendiou em quatro livros os seus milagres. O mesmo fez Venâncio Fortunato, bispo de Poitiers, em outros quatro livros em verso, em acção de graças, por se ter curado de uma gravíssima dor de olhos, pela oração de S. Martinho e ungiendo-os com a água da sua Lâmpada. Sto. Odón, Abade, escreveu a História da Trasladação do corpo de S. Martinho para a Borgonha e um Tratado dos seus louvores: E muitos outros santíssimos varões exercitaram o seu génio e estilo, ao escreverem a vida e os milagres deste Santo: Herberno, bispo Turonense, Riquerio Metense, Giberto Gemblacense, Honorio Augustodunense e os gregos, Sozomeno e Nicéforo Calixto.

19. Foi célebre, em todo o mundo, a memória deste Santo e, ainda o é, hoje, mais no reino de França, onde alguns escritores que escreveram, depois da sua morte, contam como esses anos, após a morte de S. Martinho, foram tão notórios e assinalados. Todos referem e elogiam as suas virtudes, feitos e milagres.

O grande Patriarca S. Bento teve tão grande devoção a S. Martinho que lhe edificou um oratório em Montecassino. S. Mauro, abade, discípulo de S. Bento, seguiu as pisadas do seu santo Pai e fez uma igreja junto do seu mosteiro e, retirou-se para uma casita, próxima dela, a fim de se preparar para a morte e entregar-se com mais fervor à contemplação e aí esteve dois anos e meio, até que entregou o espírito ao Senhor. S. Willibrordo, Arcebispo e S. Suviberto, bispo da cidade de Utrecht, consagraram a catedral em honra de S. Martinho. S. Gregório Turonense diz dele:

*Oh bem-aventurado varão,
cujo trânsito [passamento], os Santos cantam
e, nele, os Anjos se alegram,
e toda a corte celeste
sai para te receber
e o demónio é acorrentado
e a Igreja fortalecida,
aos sacerdotes se mostra a glória,
S. Miguel, com os Anjos, te recebem
e a Virgem Santíssima,
com o imenso coro das virgens,
e todo o paraíso se alegra,
na companhia dos bem-aventurados.*

Mas que se pode dizer dele?! O louvor de S. Martinho é aquele Senhor que sempre louvou.

S. Bernardo diz que foi muitas vezes mártir, com o afecto de uma vontade devotíssima e o louva, nas suas virtudes, de muitos modos. O Bendito Pedro Damiano chama-lhe nobre confessor, glória dos sacerdotes, pérola preciosa dos bispos, regra dos clérigos, chama e ornamento dos monges.

Da sua fama está cheio o mundo e amadureceu tanto na virtude que parece igualar os apóstolos. *Por todo o orbe da terra se estendeu a memória de tão grande Pontífice e de alguém de quem ressoa a fé Cristo, soa também a vida de Martinho. O imperador foi glorificado no seu soldado e o soldado louvado no imperador e a Igreja de Tours, para merecer o corpo de Martinho, foi enriquecida pelos reis, adornada por*

príncipes e exaltada com prerrogativas e privilégios pelos romano-pontífices. E, acrescenta que algumas Igrejas Catedrais foram fundadas em honra e com o nome de S. Martinho, bem como muitas povoações tomarão este nome por devoção e honra a este santo.

Odon, primeiro abade de Cluny, escreveu um Tratado dos louvores de S. Martinho, cujo título é: *Quod Beatissimus Martinus par dicitur Apostolis* (Como o beatíssimo Martinho se chama igual aos Apóstolos). E demonstra-o pela santidade de vida, pela dignidade de bispo, pelo zelo das almas, pelas inumeráveis conversões e pelos incontáveis milagres que fez, guardando sempre o respeito ao cume e majestade apostólica, que todos os santos confirmam.

Finalmente, todas as nações, províncias e reinos foram iluminados com a vida esclarecida deste santíssimo pontífice e favorecidos com os seus milagres e os príncipes, na paz e na guerra, experimentaram quanto vale, diante de Deus, a sua intercessão. E, especialmente, os reis de França que quando iam para a guerra, levavam consigo o manto de S. Martinho, porque o tinham, com tal dom e defensor, obtinham vitória. De S. Martinho, para além dos autores mencionados, escreve o Cardeal Baronio, nas suas anotações ao Martirológio romano, no terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo e oitavo tomo dos seus Anais.

(LA VIDA DE SAN MARTN, Obispo y Confessor, Flos sanctorum, Padre Pedro de Ribadeneyra, Tomo III, pp. 374-385). Tradução M Amorim